



**“SER BELO NA CONDIÇÃO DE SER BOM”:
Beleza e ética na sabedoria monástica do Abade Guiberto de
Nogent (c.1055-c.1125).**

Ms. Carlile Lanzieri Júnior
Faculdades Integradas de Cataguases
e-mail: lanzieri@uai.com.br

Resumo - Escritas por volta de 1115, as memórias do abade Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125) apresentam preciosos detalhes da vida e dos valores dos monges dos séculos XI-XII. Observador atento, Guiberto construiu uma longa e minuciosa narrativa, e tudo que apresentou tinha como principal objetivo transmitir uma verdade exemplar a seus leitores e ouvintes. Neste artigo, apresentamos o que ele definia como “beleza” a partir da descrição edificante que fez de sua mãe.

Palavras-chave - Guiberto de Nogent – beleza – sabedoria – ética

Abstract - Written about 1115, the personal memories of the abbot Guibert of Nogent (ca.1055-ca.1125) show precious details about the life and values of the monks in the centuries XI-XII. Attentive observer, Guibert made a long and detailed narrative, and everything that he showed had as principal aim to communicate an exemplary truth for his readers and listeners. In this article, we introduce what he defined as “beauty” from the edifying description that he made about his mother.

Keywords - Guibert of Nogent – beauty – wisdom – ethics

INTRODUÇÃO

Pois, que homem conhece o desígnio de Deus? Quem pode conceber o que deseja o Senhor? Os pensamentos dos mortais são tímidos e falíveis os nossos raciocínios; um corpo corruptível pesa sobre a alma e esta tenda de argila faz o espírito pesar com muitas preocupações. A custo conjeturamos o terrestre, com trabalho encontramos o que está à mão: mas quem rastreará o que há nos céus? (Sb 9, 13-16)

Retirada do livro bíblico *Sabedoria de Salomão*, a epígrafe acima trata da essência do *saber* mister ao bom cristão: para ser digno da eternidade, ele deve vencer a corrupção

de seu corpo, mortal, pecador e perecível (SCHMITT, 2002, p. 255), e se ater exclusivamente às questões do espírito, imortal e imaterial. Trabalho hercúleo para os poucos que o aceitam, mas o único que permitirá ao homem se embrenhar nas profundezas de seu ser, e se aproximar daquele que um dia lhe deu o sopro da vida.

Esses preceitos da sabedoria judaico-cristã que privilegiavam o espírito em detrimento do corpo, também estão presentes no saber produzido entre pensadores da Antigüidade. Para os antigos, o que permanecia na memória coletiva para além da morte inevitável dos indivíduos não era o que os olhos enxergam, ou o que as mãos tocam, mas as boas obras e a sapiência demonstrada ainda neste mundo.

Surpreendo-me que tu ainda contemples a morada dos humanos! Se a Terra te parece pequenina – como, de fato, o é – dirija sempre os olhos para aquelas regiões celestes, e desdenhe as coisas humanas. Pois qual celebridade tu podes conseguir do que dizem os humanos, ou qual glória que mereça ser desejada? Por quanto tempo falarão os que falam de nós? Que importância tem os que nascerem depois falarem de ti? Se desejas dirigir o olhar para cima e contemplar esta sua permanência eterna, terás de esquecer o que diz o povo, nem colocar a esperança de tuas ações nas recompensas humanas: o que realmente importa é que só a virtude te leve, por seu próprio atrativo, à verdadeira honra. [CÍCERO, *Da República*, Livro VI (O sonho de Cipião)]

Lembre-se sempre disso: te esforces em guardar que o que é mortal não és tu, mas teu corpo, e que, certamente, tu não és nada daquilo que essa atual aparência manifesta, pelo contrário, é a alma de cada um que é aquele um, não essa figura que se pode demonstrar. [CÍCERO, *Da República* (O sonho de Cipião, XXIII.25)]

Ao asseverar que o interior de um homem sobrepõe-se à sua aparência, o filósofo e político romano, Marco Túlio Cícero (106-46 a.C), alicerçou suas concepções sobre a glória eterna. Nelas, Cícero valeu-se da Retórica para mais belamente expressar as verdades da Filosofia. Nas passagens acima transcritas, o pensamento de Cícero se aproximou da sabedoria bíblica, pois confirmou que o homem não deve se ater ao que é efêmero e terreno, mas ao que o tornará honrado e semelhante às entidades que o transcendem.

Ao longo dos séculos que abarcam o fim da Antigüidade (séculos IV-VI) e toda a Idade Média Central (séculos XI-XIII), a percepção de *Sabedoria* como entidade enaltecida do espírito, assim como outros conceitos filosóficos (LAUAND, 1998, p. 252-254), reverberou enormemente no pensamento cristão e ganhou contornos ascéticos entre os monges dos séculos XI e XII. Muitos deles entendiam que para se viver sábia e corretamente era necessário pautar-se em Cristo (*Logos* encarnado), homem pobre e austero, que se dedicou às boas obras e se entregou a Seu destino em suma obediência.

N'Ele residia a sabedoria necessária aos desejosos de salvação (COLOMBÁS, 1993, p. 23-35).

Nas primeiras décadas do século XII, o humanista e teólogo francês Hugo de São Vítor (1096-1141), em seu *Didascálicon* (c.1127) (2001) – espécie de manual de iniciação discente aos estudos das *Sete Artes Liberais* e à teologia (LOYN, 1997, p. 195) –, afirmava que o ser humano se assemelhava a Deus, verdadeira fonte de saber, quando se mostrava sábio e justo:

Duas são as coisas que recuperam no homem a semelhança divina: 1) a especulação da verdade e 2) o exercício da virtude. Pois o homem é semelhante a Deus quando é sábio e justo, ainda que o homem seja sábio e justo de maneira mutável, Deus de maneira imutável (HUGO DE SÃO VÍTOR, *Didascálicon*, livro I, cap. 8).

Para Hugo, todo homem trazia em si a beleza primordial da divindade, e cada ato que objetivasse restaurar o que foi desvirtuado pelos vícios deste mundo eram ações divinas. Portanto, Hugo acreditava que os humanos portavam a perfeição celestial. Restaurá-la era possível, desde que se agisse com sapiência e justiça, desprovido de segundas intenções, sem se prender ao que fosse deste mundo.

Contemporâneo de Hugo, o abade São Bernardo de Claraval (1090-1153) era defensor dos estudos das *Artes Liberais* para a formação de um membro da Igreja. Entretanto, Bernardo afirmava que elas não eram únicas ou os mais importantes dentre os conhecimentos à disposição dos homens:

[...] muitos são os que se salvaram e agradaram a Deus pela sua conduta e com seus atos sem as artes liberais (e, certamente, são úteis e moralmente bons esses estudos). Quantos não enumera a Epístola aos Hebreus (cap. 11), que se tornaram agradáveis a Deus não com erudição, “mas com consciência pura e fé sincera” (I Tm 1,5). E agradam a Deus com os méritos de sua vida e não com os de seu saber. Cristo não foi buscar Pedro, André, os filhos de Zebedeu e todos os outros discípulos, entre filósofos; nem em escola de retórica e, no entanto, valeu-se deles para realizar a salvação na terra. (SÃO BERNARDO DE CLARAVAL, *Sermão sobre o conhecimento e a ignorância*. In: LAUAND, 1998, p. 262)

São Bernardo asseverou que um vasto saber pouco valia nas mãos de alguém sem virtudes: era como pérolas jogadas aos porcos (Mt 7, 6). O saber presente nas bibliotecas e nas aulas com sábios mestres perdia-se quando mal usado. Bernardo entendia que mais valor tinha o inculto modesto, que o douto orgulhoso. A união da ética com o saber presente nas palavras deste santo foi um dos emblemas da pedagogia disseminada em muitas escolas monásticas medievais (NUNES, 1979, p. 109-117).

*

Originalmente, a palavra monge significa “só” (LITTLE, 2002, p. 225), pois a solidão possibilitava a sintonia fina entre o recluso e o Criador. Porém, ainda que o isolamento fosse um ideal, na prática, viver em absoluta separação tornou-se impossível aos monges medievais, pois dependiam de contatos exteriores para o funcionamento de suas casas (COLOMBÁS, 1991, p. 356-369). Com efeito, muitos deles testemunharam as mudanças pelas quais o Ocidente passou. Mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, nada lhes escapou (COELHO, 2006, p. 256). Para sabermos algo sobre o período em questão, nada melhor que consultá-los: críticos mordazes das imperfeições da cristandade, eles nos trazem minúcias de como os medievais conduziam suas vidas, e quais eram seus valores, temores e alegrias (COSTA & ZIERER, 2006).

Os fins exemplares de boa parte desses textos faziam seus autores muitas vezes escreverem através de metáforas, artifício didático-literário que primava pelo entendimento da moral cristã, e exortava ouvintes e leitores ao deleite intelectual, à reflexão e à memorização do que foi debatido.¹ Soluções criativas para uma época de recursos editoriais reduzidos (CARRUTHERS, 1990, p. 8; LAUAND, 1998, p. 10; MALEVAL, 2006, p. 248-249).

Neste artigo, analisaremos algumas passagens das *Monodies* (c.1115) (LABANDE, 1981) do abade Guiberto de Nogent (c.1055-c.1125). Nosso intento é compreender como ele construiu o conceito de “beleza” em sua narrativa. O que Guiberto afirmou, o fez partindo da sabedoria ética cristã difundida entre os monásticos e permeada pela sabedoria dos antigos pensadores pagãos.

Para os padrões do século XXI, a beleza é basicamente estética, mas para Guiberto, homem separado de nós por quase novecentos anos, ela possuía significado que não se limitava ao superficial e visível. Ademais, Guiberto, assim como Bernardo e Hugo de São Vítor, confiava em uma sabedoria que transcendia seu caráter técnico, uma sabedoria que

¹ “A Idade Média recebeu dos Padres da Igreja e dos doutores cristãos da Antigüidade um método de interpretação dos textos conhecido com o nome de *doutrina dos quatro sentidos da Escritura*. Sua elaboração responde a uma poderosa obrigação intelectual (...) Dentro dessa teoria se distingue o **sentido histórico** ou **literal**, que é o que tem o texto de maneira óbvia e evidente; remete a um fato ou a uma dada situação histórica. Não há nisso nenhum mistério. O **sentido alegórico** é a verdade religiosa geral ou o artigo da fé que o episódio anterior sugere ou anuncia. O terceiro sentido, que se chama **moral** ou **tropológico**, é o que pode tomar um texto quando o cristão tenta pôr na prática de sua vida a lição do texto. O quarto, o **sentido anagógico**, é o da mesma passagem, mas com respeito à vida futura, à que se seguirá à morte ou ao fim do mundo.” (PAUL, 2003, p. 39-40).

residia na moral e na espiritualidade. Silenciosa, ela se imiscuía na beleza de seu detentor, e se expressava nas boas atitudes, e em um anseio permanente de servir a Deus (MULDER-BAKKER, 2005, p. 36).

*

Monge desde a juventude, Guiberto de Nogent teve em sua mãe seu principal modelo de sabedoria (MULDER-BAKKER, 2005, p. 24-50). Assim como Santo Agostinho (354-430) fez com sua progenitora, Santa Mônica (COSTA, 1995, p. 21-35), Guiberto descreveu aquela que lhe trouxe ao mundo como uma mulher de vida casta e voltada para a religião. Predicados oriundos de antigas tradições patriarcais judaico-cristãs, mas que o abade entendia como dádivas dadas a ela pelas mãos de Deus.

Embora fosse uma jovem de linhagem nobre e dona de atraente beleza, Guiberto afirmou que sua mãe se esquivou dos pecados através de seu temor a Deus, sentimento revelado na inabalável vontade de negar suas aspirações e atributos pessoais e de assumir um comportamento modesto. A história dele diluía-se na dela (PARTNER, 1996, p. 360): ao elogiar a própria mãe, Guiberto exaltava a castidade, tema aclamado na literatura monástica (LANZIERI JÚNIOR, 2007a, p. 28-29).

Querido Deus, eu declarei que estou agradecido a Ti por teus benefícios. Primeiramente, agradeço por ter me dado uma mãe que é bela e ainda casta e modesta, preenchida com o medo do Senhor. Mencionar sua beleza sozinha seria o mesmo que profaná-la e ridicularizá-la, se eu não colocasse (para demonstrar a futilidade da palavra “beleza”) que a severidade de seu aspecto era uma prova de sua castidade. Para pessoas pobres, que não têm escolha a respeito de sua comida, jejum é realmente uma forma de tortura menos louvável. Ao considerarmos que quando pessoas ricas abstêm-se de comida, seu mérito é derivado de sua abundância. Então, é com beleza, que é tudo de mais louvável, que ela resiste à bajulação, mesmo sabendo que é desejável. (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodies*, livro I, cap. 2)

Em sua narrativa, Guiberto destacou as qualidades físicas de sua mãe. Por ser nobre, ela desfrutou de uma vida farta e confortável. Contudo, essas benesses não foram capazes de arrebatá-la. Apenas por força das circunstâncias ela convivia com esses atrativos. Em seu espírito, ela sabia tratar-se de bens temporários, incomparáveis aos que lhe aguardavam no Paraíso celestial.

Segundo Guiberto, essa foi a grande virtude de sua mãe: aceitar o desafio de manter-se acima das futilidades, mesmo que as dificuldades fossem difíceis de serem superadas. Apesar de sua formosura e situação econômica a empurrarem para outra

direção, ela não se rebaixou e buscou a severidade, uma forma de se proteger e demonstrar que o que estava no plano secular não lhe despertava paixões.

O desejo de *despojamento* exibido por essa mulher possuía uma intensa espiritualidade entre os medievais dos séculos XII e XIII. Para a época, despojar-se era rebaixar o corpo, humilhá-lo para se estabelecer um contato mais íntimo com Deus (SILVA, 2005, p. 29). Ações que ganharam mais notoriedade e respeito com as práticas ascéticas dos cistercienses no século XII, e por São Francisco de Assis (c.1181-1226) e seus seguidores no XIII (COLOMBÁS, 1993, p. 84-103; GARCÍA-VILLOSLADA, 2003, p. 662-697).

Ao interpretarmos as palavras de Guiberto no contexto no qual surgiram, percebemos indícios que servem de testemunho acerca dos valores que os monges difundiam entre os cristãos. Guiberto não estava imune a essas relações de força, absorveu-as e colocou-as em sua narrativa. Com os olhos voltados para o *Além*, para a vida depois da morte (BASCHET, 2006, p. 374), ele escreveu e ensinou. Analisar histórica e culturalmente as pretensões desse abade é um convite à alteridade, ao *estranhamento* indispensável à compreensão do homem no tempo, mesmo que os séculos o tenham encoberto com espessas camadas de *pré-compreensões* (BLOCH, 2001, p. 55; GADAMER, 1998; GINZBURG, 2001, p. 41).

*

Com Santa Mônica em mente, Guiberto elevou sua mãe à santidade, uma vez que ela também refutou sua carne em prol do espírito e zelou pelo bem-estar de seu filho (COSTA, 1995). Consciente de portar uma beleza que despertava a cobiça masculina, ela foi combativa. Ao longo de *Monodies*, as atitudes mais incisivas dessa mulher ocorreram quando sua castidade foi ameaçada. Até mesmo depois de se tornar viúva, ela se manteve irredutível, e jamais contraiu novas núpcias (LANZIERI JÚNIOR, 2005).

Por entender que aquela jovem encontrou em si a beleza da natureza divina, (MARCHIONNI, 2001, p. 11), Guiberto se aproximou dos preceitos filosóficos de Hugo de São Vítor. E ele se rejubilava com a sabedoria de sua mãe, símbolo vivo das mais altas formas de conhecimento cristão (MULDER-BAKKER, 2005, p. 36). Uma riqueza que muitos homens daquele tempo perderam diante das paixões mundanas, malefícios que os aproximaram perigosamente da perdição nas chamas do Inferno.

Sabedor das agruras de seu tempo, Guiberto mostrava aos que desejassem o melhor caminho para encontrar Deus, um caminho tão bem percorrido por aquela que lhe trouxe ao mundo. Em sua jornada, ela abriu os ouvidos espirituais para escutar os chamados divinos. Assim como Maria, ela se entregou em obediência, sem questionar. Segundo Guiberto, essa vontade de encontrar Deus tornava tudo naturalmente bom, inclusive a beleza corporal.

A instabilidade dentro de nosso sangue faz a beleza efêmera, algo instável, é certo. Mas, considerando o traço da boa imagem do Criador, alguém tem que admitir que ela seja boa também. Se tudo que é instituído no plano eterno de Deus é bom, toda instância particular de beleza na ordem temporal é, alguém podia dizer, um espelho daquela eterna beleza. (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodies*, livro I, cap. 2)

Cuidadoso com as palavras e pródigo ao refletir sobre a grandeza divina, Guiberto asseverava que a beleza exterior era uma dádiva concedida aos humanos, criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26-27). Portanto, a beleza era uma fortuna quando se ocupava com a ética cristã. Entretanto, caso não cuidada com afincamento e prudência, essa fortuna tornar-se-ia uma ameaça capaz de transformar homens e mulheres em seres decaídos, reles servos da luxúria.

O que fazer para superar tamanhos obstáculos? Como deter a marcha da degradação? Perspicaz em sua didática edificante, Guiberto colocava as respostas nas entrelinhas: ser obediente, casto e humilde. Enfim, ser exatamente como sua mãe, e resgatar o traço fundamental da divindade existente em cada pessoa. No fundo, ele afirmava que a vida monástica era a que permitia o homem merecer a salvação (BOLTON, 1983, p. 24-27).

Mais explícito que Guiberto, São Bernardo acreditava que uma pessoa se tornava digna de salvação no momento em que buscasse no íntimo de sua alma o autoconhecimento (LANZIERI JÚNIOR, 2007b). Tarefa árdua, pois dava a seu portador a consciência exata dos erros cometidos. Uma revelação terrível, porém imprescindível, por se tratar do primeiro passo para a correção de todos os vícios (SANTOS, 2001, p. 57 e 60).

Em mais uma passagem de suas memórias, Guiberto de Nogent demonstrou confiar na existência de uma natureza divina em todas as pessoas, e estas, por sua vez, seriam resgatadas de sua degradação, à medida que se arrependessem e se convertessem em cristãos de corações puros e almas elevadas.

Está escrito, nessa lembrança, que nossos corpos também serão glorificados como o glorioso corpo de Cristo, e que qualquer feiúra contraída por acidente, ou através de corrupção natural, será corrigida, de acordo com o modelo do filho de Deus transfigurado no monte. Se então, replicações internas são a beleza e a bondade, se elas, conforme a imagem do modelo, são suficientes, desde que não quebrem a ordem do modelo, ser belo na condição de ser bom. (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodies*, livro I, cap. 2)

Beleza e bondade, duas faces da mesma moeda, expressões da perfeição cristã. Uma não existia sem a outra, porém, a segunda era mais importante, pois tinha a finalidade de servir os outros e imitar o Cristo. No entender de Guiberto, no Além as deformidades de origem terrena eram corrigidas a partir do modelo corporal cristológico. Assim, cada ser vivo criado pelas mãos de Deus recuperava suas formas originais, desde que mantivesse em vida a máxima sincronia entre o externo e o interno, entre o corpo e a alma. A salvação passava por esses dois elementos.

Essa proposta de unicidade entre beleza e bondade – ambas em sentido espiritual elevado – apresentada por Guiberto nos remete a conceitos filosóficos clássicos – sobretudo aos de Platão (c.429-347a.C) e Plotino (c.205-270d.C). De um modo geral, esses autores afirmavam que a beleza verdadeira não se manifestava de uma única maneira, apenas existia se atrelada ao bem, à justiça e à sabedoria (BLACKBURN, 1997, p. 39). Por fim, ao que tornava o homem superior aos outros seres. Rompido esse pacto, a alma se corrompia mediante a lascívia corporal (COSTA, 2008).

No cristianismo medieval, a bondade era bela, a maldade feia *per se* (COSTA, 2008). Ao relacioná-las, Guiberto também nos permite identificar sinais das concepções cristãs de “corpo” (material, criado e mortal) e “alma” (imaterial, criada e imortal). Superior ao corpo, a alma era privilégio concedido por Deus aos humanos. Por sua vez, o corpo era expressão da alma. Um santo, por exemplo, era descrito como uma pessoa bela por suas qualidades. Os personagens do mal eram descritos com aparência bizarra (SCHMITT, 2002, p. 255 e 260).

Todas essas reminiscências filosóficas de nosso personagem e sua aproximação com autores não-cristãos nos permitem vislumbrar o quanto a educação difundida em muitas escolas monásticas primava pela boa formação discente (NUNES, 1979, p. 109-117). Normalmente, os mestres de então buscavam nas belas letras dos Pais da Igreja e nos pensadores do mundo antigo meios que permitissem um satisfatório desenvolvimento intelectual (COLOMBÁS, 1991, p. 499). Assim, o clero, longe de manter a sete chaves o saber de outros tempos, buscou preservá-lo, sorvê-lo e disseminá-lo.

*

Com humildade – valor central no universo monástico –, Guiberto se prostrou diante da potência divina. Agradeceu por ter diante de si modelo de pessoa tão sábia e virtuosa. Para os monges medievais, o exemplo diante do irmão comungava com a palavra (*verbo et exemplo*, ou *vita et doctrina*): antes de tudo, era necessário seguir o que se falava, viver o que se pensava (BYNUM, 1982, p. 36-43). Aqui não nos interessa saber se as palavras deixadas por Guiberto correspondem ou não à realidade dos fatos, o que nos importa é compreender os valores que ele defendia, e a verdade na qual acreditava, aquela que como abade almejava ensinar (LANZIERI JÚNIOR, 2007a, p. 21).

Obrigado Deus, por inculcar virtude dentro da beleza de minha mãe. A seriedade da sua postura foi suficiente para mostrar seu desprezo por toda a vaidade. Uma aparência sóbria, palavras medidas, modestas expressões faciais, dificilmente permitiriam um mínimo encorajamento para o olhar fixo de supostos pretendentes. Ó Onipotente, Tu sabes quanto medo teu nome inspirou nela, desde os seus primeiros anos, e como ela se rebelou contra toda forma de encanto. (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodies*, livro I, cap. 2)

Guiberto concebia que o importante não era *ser belo*, mas *saber ser belo*. Suas palavras eram claras: a beleza exterior era louvável, mas não sobrepujava a interior. Assim, ele definia a beleza de sua mãe a partir de um conjunto coeso centrado na moral cristã. Do alto de seu saber intuitivo, a mãe de Guiberto buscava conter-se. Em público ou sozinha, o nome de Deus ressoava em seus ouvidos. Porém, sua obra somente se tornou completa no momento em que decidiu abandonar tudo para viver no ascetismo junto a um mosteiro.

Embora ainda fosse muito bela e não mostrasse nenhum sinal de envelhecimento, ela fez de tudo para parecer como se tivesse alcançado a velhice ou uma idade elevada com as rugas de uma velha. Seus cabelos ondulados, que normalmente são ornamentos essenciais do charme feminino, sucumbiram aos repetidos ataques de tesouras. Um manto negro, com dobras largas e manchado por inúmeros remendos e reparos, servia como prova, ao lado de um pequeno e desbotado casaco e sapatos com solas desgastadas e sem reparos, de que ela estava se esforçando para conseguir ficar com uma aparência bem modesta. (GUIBERTO DE NOGENT, *Monodies*, livro 1, cap. XIV)

O extrato acima apresenta o episódio mais marcante na vida da mãe do abade Guiberto: o momento no qual ela morreu para este mundo e renasceu para o outro. Para esse renascimento ela tomou duas atitudes definitivas: cortou os cabelos e passou a viver como uma anciã. Decisões que demonstraram que ela não mais existia para as questões do

corpo. Cortar o cabelo – símbolo da condição da mulher na Idade Média –,² vestir roupas esfarrapadas que escondiam a silhueta, abrir mão da própria beleza para se assemelhar a uma velha assexuada, ações corajosas que ela se impôs para melhor servir a Deus (VAUCHEZ, 1995, p. 51-54).

Ao se desfazer daquilo que simbolizava riqueza, a mãe de Guiberto de Nogent praticou o despojamento, ou seja, afastou-se da matéria na tentativa de imitar a vida que Jesus levou com os apóstolos (SILVA, 2005, p. 53). Esse abandono tornava-se mais honrado quando feito por pessoas abastadas, pois era um desafio abrir mão de tudo para seguir Cristo (VAUCHEZ, 1995, p. 46-51). Assim, para Guiberto sua mãe não se tornou uma pessoa feia, pois sua real beleza habitava em outra dimensão, uma dimensão que o simples olhar não alcançava. Eterna, a beleza que o abade nela enxergava jamais seria percebida através de belas vestes e adornos.

*

Para compreendermos o saber do abade Guiberto de Nogent, precisamos ter em mente que ele era um monge há anos recluso e acostumado aos rigores do claustro, mas que também era um estudioso. Ao falar de sua mãe, ele, indireta e ludicamente, demonstrava todo seu conhecimento e o quão era importante obrar para Deus. Assim, Guiberto, como bom pastor, escreveu a essência do que pensava ser a verdadeira beleza sapiencial humana: uma beleza espiritual, ética e moral. Uma beleza portada pelos sábios (doutos ou não), que mergulharam nas profundezas de suas almas e descobriram nelas o que Deus fez de melhor.

Bibliografia

Fontes primárias

HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon**: da arte de ler. Petrópolis: Vozes: 2001.

² “Nas sociedades tradicionais, como as da Idade Média, havia certa conexão entre o tamanho, o formato e a disposição dos cabelos e regras e tabus de natureza sexual. O modo como as mulheres os dispunham podia revelar sua situação na família e na sociedade. Com frequência, às jovens solteiras era permitido trazê-los expostos e ligados por uma trança, indicação visível de sua disponibilidade para o casamento. As casadas deveriam mantê-los escondidos, discretos, ou então amarrados em duas tranças e cobertos por um toucado, véu ou chapéu, evidenciando desse modo seu compromisso conjugal.” (MACEDO, 2002, p. 21)

LABANDE, Edmond-René. **Guibert de Nogent**: autobiographie. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

MARC TULLI CICERÓ. **L'art de gouvernar [DE RE PVBLICA]**. Barcelona: Prohom, 2006.

Fontes secundárias

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOLTON, Brenda. **A reforma na Idade Média**: século XII. Lisboa: 70, 1983.

CARRUTHERS, Mary. **The book of memory**: a study of memory in medieval culture. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

COELHO, Maria Filomena. "Nobreza e monacato na Península Ibérica. Possibilidades de pesquisa (séculos XII-XIII)". In: BASTOS, Mário Jorge da Motta; FORTES, Carolina Coelho & SILVA, Leila Rodrigues da (orgs.). **Atas do I Encontro Regional da Associação Brasileira de Estudos Medievais / XI Mostra de Cultura Galega**. Rio de Janeiro: H. P. Comunicações, 2006, p. 256-262.

COLOMBÁS, García M. **La tradición benedictina**: ensayo histórico (los siglos VIII-XI). Zamora: Monte Casino, t. III, 1991.

_____. **La tradición benedictina**: ensayo histórico (el siglo XII). Zamora: Monte Casino, t. IV, volume I, 1993.

COSTA, Ricardo da. **Ramon Llull (1232-1316) e a Beleza, boa forma natural da ordenação divina**. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/pub/beleza.htm>. Acesso em: 2 jan. 2008.

_____. "Santa Mônica: a criação do ideal de mãe cristã". In: III Congresso Nacional de Estudos Clássicos / IX Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 1995, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS), 1995, p. 21-35.

_____ & ZIERER, Adriana. "Os torneios medievais". Palestra proferida no **III Congresso de História - Jornadas de História Antiga e Medieval**, evento organizado pelo *Centro Acadêmico de História* da [Universidade Federal de Juiz de Fora \(UFJF\)](http://www.uff.br), no dia 25 de outubro de 2006. Disponível na *INTERNET* no endereço eletrônico <www.ricardocosta.com/pub/torneios.htm>.

DUBY, Georges. **Eva e os padres**: damas do século XII. São Paulo: cia. das Letras, 2001.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GARCÍA-VILLOSLADA, Ricardo. **Historia de la Iglesia Católica**. Madrid: BAC (Biblioteca de Autores Cristianos), vol. 2, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. **A sabedoria de um monge medieval**: as relações políticas e sociais nas memórias do abade Guiberto de Nogent (século XII). Juiz de Fora: Editar, 2007a.

_____. “Mas há quem busque o saber para edificar, e isso é amor. E há quem busque o saber para si edificar, e isto é prudência: saber e ética na educação medieval, segundo são Bernardo de Claraval (1090-1154)”. Comunicação apresentada na Mesa Coordenada “Mentalidade medieval: literatura e educação” realizada no dia 16 de novembro de 2007b, em São Luís (MA), durante o **I Encontro Internacional e II Nacional de História Antiga e Medieval do Maranhão** – Rupturas, transformações e permanências: sociedade e imaginário, promovido pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

_____. “Uma mulher sem nome: Guiberto de Nogent e o modelo de perfeição feminina no medievo (século XII)”. In: XXIII Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: ANPUH, 2005, CD-ROM.

LAUAND, Luiz Jean (org.). **Cultura e educação na Idade Média**: textos do século V ao XII. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LITTLE, Lester K. “Monges e religiosos”. In: **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, vol. 2, 2002, p. 225-241.

LOYN, Henry R (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MACEDO, José Rivair. **A mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MALEVAL, Maria do Amparo Tavares. “A retórica antiga e a prédica medieval. Um exemplo Jacobeu”. In: BASTOS, Mário Jorge da Motta; FORTES, Carolina Coelho; SILVA, Leila Rodrigues da (orgs.). **Atas do I Encontro Regional da Associação Brasileira de Estudos Medievais / XI Mostra de Cultura Galega**. Rio de Janeiro: H. P. Comunicações, 2006, p. 248-255.

MARCHIONNI, Antonio. Introdução. In: HUGO DE SÃO VÍTOR. **Didascálicon**: da arte de ler. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 9-39.

MULDER-BAKKER, Anneke B. **Lives of the anchoresses**: the rise of the urban recluse in medieval Europe. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2005.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. **História da educação na Idade Média**. São Paulo: Edusp, 1979.

PARTNER, Nancy. "The family romance of Guibert of Nogent: his story / her story". In: PARSONS, John Carmi; WHEELER, Bonnie (eds.). **Medieval mothering**. New York / London: Garland, 1996, p. 359-379.

PAUL, Jacques. **Historia Intelectual del Occidente Medieval**. Madrid: Catedra, 2003.

SANTOS, Luís Alberto Ruas. **Um monge que se impôs a seu tempo**: pequena introdução com antologia à vida e obra de São Bernardo de Claraval. São Paulo: Musa; Rio de Janeiro: Lumen Christi do Mosteiro de São Bento, 2001.

SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma. In: **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: Edusc / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, vol. 1, 2002, p. 253-267.

SILVA, Elói Gomes da. **O despojamento em São Bernardo de Claraval e São Francisco de Assis (séculos XII e XIII)**. 2005. 224 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2005.